

## **De *Matrix* a *Suzano*: manófera, teoria *red pill* e o massacre da escola Raul Brasil**

Bruna Amato<sup>1</sup>  
Raquel de Barros Pinto Miguel<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, tem-se por objetivo traçar e articular alguns elementos constitutivos dos chamados movimentos masculinistas - mais especificamente de grupos de celibatários involuntários (*incels*) -, procurando situar alguns de seus desdobramentos e efeitos no Brasil. Essa organização tem como premissa central o ódio às mulheres, que se estende também a minorias sociais vulnerabilizadas, constituindo-se como terreno fértil para a disseminação de discursos de ódio, violência de gênero e promoção de ideologias de extrema-direita. Apesar de serem movimentos articulados no que será explanado como manófera, em ambiente online, procura-se demonstrar como seus discursos engendram modos de subjetivação contemporâneos e incitam práticas de violência, cuja capilaridade extrapola as premissas da liberdade de expressão, da integridade física e psicológica e da democracia.

**Palavras-chave:** *Incel*. Masculinismo. Discurso de ódio. Violência de gênero. Subjetivação.

---

<sup>1</sup>Psicanalista, Esquizoanalista, Mestra em Psicologia e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Deficiência (NED/UFSC) e do Núcleo de Estudos e Ações em Gênero, Educação, Mídia e Subjetividade (NUGEMS/UFSC). Contato: bu.producao@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Ações em Gênero, Educação, Mídia e Subjetividade (NUGEMS). Possui graduação e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Ciências Humanas pela mesma Universidade. Pós-doutorado pela Université Paris Diderot - Paris 7, pela Université Paris 13 - Sorbonne Paris Cité e Université Paris Panthéon-Assas. Contato: raquelbarrospm@gmail.com

## Matrix

Na melhor exibição do gênero cyberpunk, a década de 90 nos presenteou com o filme *Matrix*, dirigido pelas irmãs Lana e Lilly Wachowski, duas mulheres trans. Fomos apresentadas a Thomas A. Anderson, um hacker, conhecido na internet pela alcunha de Neo, que invade sistemas para roubar e vender informações. Constantemente desconfortável e com dificuldades de se relacionar socialmente, Thomas se mantém em um emprego comum, que serve para sustentar as aparências, mas é no submundo da internet, como Neo, que ele consegue explorar sua verdadeira identidade.

Em dado momento, Neo é abordado por um grupo de pessoas que oferecem a ele a oportunidade de entender a razão de todo o desconforto sentido e, para isso, o hacker precisa escolher entre tomar uma pílula azul (*blue pill*) ou uma pílula vermelha (*red pill*). Se escolhida a pílula azul, Neo permanece na realidade que se apresenta como mundo mas, se escolhida a pílula vermelha, toda a verdade sobre esse *mundo* será revelada.

Tomada a pílula vermelha, Neo descobre que o mundo no qual os seres humanos acreditam viver, nada mais é do que uma simulação interativa neural criada por um super sistema de inteligência artificial. O planeta encontra-se devastado após a humanidade ter perdido a guerra contra as máquinas e os sobreviventes foram deixados inconscientes, encapsulados e permanecem quase em estado vegetativo, ligados por cabos em uma espécie de colmeia, a *Matrix*.

Para mantê-los em estado de inércia e docilidade, ininterruptamente trabalhando na produção de energia para as máquinas continuarem no poder, a *Matrix* fabrica nos seres humanos uma complexa rede de ilusões sobre uma sociedade da qual esses escravizados acreditam fazer parte, a nossa sociedade. Aqueles que escaparam formaram a Resistência, e trabalham na tentativa de resgatar a humanidade dessa escravização.

A principal função da pílula vermelha, então, é interromper essa simulação neural, libertando o indivíduo daquele domínio do pensamento, dando a oportunidade de enxergar e reconhecer a realidade como ela, de fato, se apresenta: somos assujeitados e hipertrofiados para permanecermos em constante estado de hiperprodutividade.

Embora as irmãs Wachowski já tenham concedido diversas entrevistas esclarecendo que *Matrix* é também uma metáfora sobre os processos/violências individuais e sociais que as pessoas transgênero passam (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020), que a pílula vermelha seria uma referência ao hormônio estrogênio, ingerido por algumas mulheres trans durante o processo de afirmação da identidade de gênero (CORAL, 2020), e que o filme é uma crítica explícita ao capitalismo e neoliberalismo - regimes de governamentalidade pelo pensamento, por meio da modulação dos desejos -, alguns anos depois, o conceito da pílula vermelha seria absolutamente reformulado e subvertido - talvez para sempre -, e da pior maneira possível.

### **Manosfera: da ansiedade social para o culto ao ódio de gênero**

Em 2019, Zack Beuchamp, correspondente sênior do site estadunidense Vox.com, publicou uma extensa pesquisa sobre comunidades online. Nela, o público teve a oportunidade de conhecer Alana (que teve seu sobrenome mantido em sigilo) e ReformedIncel (que preferiu não se identificar) - a pessoa que cunhou o termo celibatário involuntário (*incel*), por conta da dificuldade que tinha de se relacionar socialmente e romanticamente, e um usuário online da primeira comunidade *incel*, respectivamente. Alana criou um blog pessoal, na década de 90, onde qualquer homem ou mulher com as mesmas ansiedades sociais pudessem se encontrar e trocar experiências para melhorar essas habilidades, ou para encontrar conforto sabendo que não estavam sozinhas no mundo. ReformedIncel é uma dessas pessoas e ambos descrevem as comunidades daquela época como espaços de acolhimento, respeito e trocas positivas. De acordo com a pesquisa de Beuchamp, nos anos 2000, a tímida

comunidade *incel* se subdividiu em dois grupos: IncelSupport e LoveShy. A primeira conservou características positivas e de apoio mútuo entre usuários, a segunda banuiu as mulheres e adquiriu tom misógeno por meio de discursos de ódio, sem nenhuma intervenção dos moderadores.

Em pouco tempo, a LoveShy faria um cruzamento entre seus usuários e usuários do 4chan, um dos primeiros fóruns anônimos online, famoso reduto de extremistas de direita, racistas, antissemitas, lgbtfóbicos e toda sorte de homens preconceituosos e, até os dias atuais, o fórum é o que Beuchamp (2019) chamou de fonte ativa de recrutamento de *incels*. O 4chan também foi o primeiro espaço da alt-right (a direita alternativa), comunidade organizada de forma online, que dissemina notícias falsas, teorias da conspiração, discursos de ódio contra minorias socialmente vulnerabilizadas, é anti-establishment e serve de palco para organização de outros crimes, além dos cibernéticos.

Roberta Liggett O'Malley, Karen Holt e Thomas J. Holt (2020) caracterizam como *manosfera* uma espécie de associação/confederação de grupos online interconectados por um interesse em comum, ou seja, a proliferação de discursos anti-feminismo e pelo direito dos homens. Direitos esses que, exclusivamente na retórica desses homens, são apontados como frágeis e subalternizados em relação aos direitos que eles alegam que as mulheres gozam. Dentro desses grupos que compõem a *manosfera*, os indivíduos que reagirem de maneira mais violenta às injustiças do mundo que privilegia as mulheres em detrimento dos homens, têm mais chances de serem cooptados por organizações extremistas.

Ainda seguindo o raciocínio dos autores, o culto às identidades masculinas tradicionais pode aumentar a sensação de ameaça que esses homens experienciam, tornando-se imperativo o combate e justificando a violência, uma vez que as narrativas encontradas na *manosfera* - chamada pelos autores de “interpretações subculturais do comportamento feminino, do mercado sexual e da opressão masculina” (O'MALLEY et

al, 2020, p.17, tradução nossa) - servem para inflamar e acender o sentimento de ódio e frustração social contra as mulheres.

Alice E. Marwick e Robyn Caplan (2018) caracterizam a mansferra levando em consideração a linguagem, ou seja, um conglomerado de comunidades online, frequentada por homens que se reúnem em torno de uma linguagem em comum, no caso, o discurso anti-feminista. Para os autores, o fato de existirem várias vertentes de comunidades de homens - os masculinistas -, e que cada grupo reivindique uma pauta principal específica (relacionamentos, pedofilia, direitos dos homens, pensão alimentícia, entre outros), o que está sempre presente é o indiscutível ódio às mulheres. A exemplo do que seria esse conglomerado podemos citar diversas organizações como: *incels (involuntary celibates)*, *mgtow (men going their own way)*, *pua (pick up artist)*, *mra's (men's rights activist)*, *fathers for justice*, homens de bem, homens sanctos, dogoleiros, movimento da real, entre outros. Nessa linha, os autores argumentam que ter um vocabulário específico, uma cultura comum, pode contribuir para a construção de um senso de comunidade que ajuda a solidificar e estratificar as ideologias disseminadas nesses espaços.

Dessa forma, na mansferra percorrem todos os tipos de teorias e ideologias acerca de como certos homens explicam o mundo: um lugar onde as mulheres detêm todos os privilégios e os homens brancos heterossexuais são os verdadeiros oprimidos.

### **Ódio de gênero como discurso científico**

Ernest Belfort Bax (2018), jornalista que no início do século 20 publicou o livro *The legal subjection of men*, apresenta uma narrativa pouco fluida e bastante entediante sobre as mulheres serem privilegiadas pelo sistema judicial, enquanto os homens permanecem na obrigação de sustentá-las, ainda que elas não mais os obedeçam. Bax (2018) também era a favor de que as mulheres fossem obrigatoriamente alistadas nas

forças armadas, ao mesmo tempo que acreditava que nós deveríamos partir compulsoriamente, como desempenho de uma função natural.

Como Bax, existem vários outros exemplos que são a base para os discursos masculinistas (sejam eles de quaisquer grupos, conforme já citado) que hoje em dia circulam na internet. Richard Alan Gardner (1998), psiquiatra norte-americano, introduziu o termo alienação parental para descrever quando as mães alienam as crias contra os pais, fazendo denúncias de abusos sexuais. Para o psiquiatra, as mulheres acusam falsamente os homens para conseguirem a guarda unilateral e são beneficiadas por um sistema judicial que está sempre do lado delas. Curiosamente, Gardner (1992) também é conhecido por ter publicado diversos artigos em que apoia a pedofilia como forma de assegurar a espécie humana e, infelizmente, atuou como testemunha especializada em vários casos de disputa de guarda, nos quais o pai abusador conseguiu permanecer tendo contato com a criança.

Warren Farrell, doutor em filosofia e professor universitário, autor do livro *The myth of male power* (2002), também trabalha com a narrativa do alistamento feminino compulsório; com a ideia de que a fragilidade feminina é a arma que dá às mulheres privilégios e de que os homens precisam ganhar mais dinheiro, uma vez que são obrigados a sustentá-las. Farrell (2007) também era contrário a que se discutisse gênero nos ambientes universitários, exceto se as universidades abordassem o viés masculino positivista nesses discursos, como ficou explícito em seu livro *Does feminism discriminate against men?: a debate*, lançado pela Oxford University Press.

Miles Groth é outra figura conhecida, psicanalista e professor emérito de psicologia na Wagner College, também a favor de centros masculinos nas universidades. Groth afirma que o nível de escolaridade dos homens é mais baixo que o das mulheres, porque os homens brancos, heterossexuais são demasiadamente oprimidos pelo viés feminista que orienta esses espaços de formação. O professor emérito defende a criação do dia do homem e de grupos masculinistas nos campi

universitários, onde homens brancos heterossexuais possam discutir sobre a masculinidade que não podem mais praticar (GROTH, 2012).

Poderíamos continuar listando um sem-número de homens considerados intelectuais, que deram base às teorias e narrativas que permeiam os discursos entre as (atuais) comunidades online da manosphere, simplesmente porque a subalternização das mulheres sempre foi o combustível do capitalismo.

Quando apontamos para a subalternização das mulheres, nossa intenção não é universalizar o conceito de mulheridade. Não significa que consideramos mulher como uma categoria fixa, ao contrário, o pressuposto inicial é entender as diferentes formas de opressão que ensejam sobre uns corpos diferentemente de outros - como de mulheres lésbicas negras, em relação às mulheres brancas heterossexuais, por exemplo - e dessa abordagem interseccional, apontar os contextos históricos, sociais e políticos que fortalecem a circulação de discursos de ódio de gênero e como os impactos se dão em tantas dimensões diferentes da vida social. Silvia Federici (2017) faz um trabalho primoroso de historiografia quando remonta os primeiros passos do capitalismo do século 16, a jogada de parceria intrínseca com a Igreja - na reforma protestante - e como isso foi imperativo para que as mulheres (brancas, porque as mulheres negras sequer eram consideradas humanas) tivessem seus direitos sociais revogados, passando a servir apenas como moeda de troca entre homens - que buscavam ampliar os negócios entre famílias enquanto acumulavam capital social e monetário -, prestando apenas de parideiras e cuidadoras, sem remuneração, sem direito à educação e demais direitos políticos.

Esse código social criado pelo capitalismo marcou as mulheres, em diferentes níveis, como corpos subalternos e subservientes e, ao longo dos séculos, resistência e backlash (movimento de reação aos direitos sociais conquistados) travam uma batalha sociopolítica em pólos, absolutamente, antagonizados. Sendo assim, o discurso na manosphere que abriga os mais diversos grupos de ódio liderados por homens, é de uma

tentativa de retorno àqueles códigos sociais e uma reivindicação dos direitos sociais conquistados ao longo de séculos.

### **Masculinidade hegemônica e a nova teoria red pill**

A subcultura *incel*, abrigada na manosfera, reúne homens que, por não conseguirem ter relações sexuais e/ou amorosas com mulheres, aplicam as mais diversas teorias para lidar com essa questão, seja pela própria aparência física - na grande maioria das vezes considerada repulsiva por eles mesmos - seja pela situação financeira, por não possuírem bons manejos sociais, pela timidez ou qualquer outro comportamento considerado insuficiente. De acordo com Michael S. Kimmel (1998), a masculinidade hegemônica só pode ser considerada hegemônica à medida que cria, simultaneamente à sua ascensão, outras masculinidades subalternas e, ao mesmo tempo, atua em duas vertentes diferentes de relações de poder: a dos homens em relação às mulheres e dos homens em relação a outros homens - assim, Kimmel explica que a base para construção das masculinidades são o sexismo e a homofobia.

Se um jovem está no processo de construção da sua masculinidade e os apontamentos hegemônicos indicam qual a performance necessária para ser considerado um *macho alpha* (utilizando aqui da própria linguagem *incel*) - cada milímetro demarcado, cada gesto, cada cor, cada forma pré-estabelecida -, perceber-se fora desses padrões pode produzir uma angústia, uma inquietação provocada pelo sentimento de inadequação. Simplesmente porque eles têm metas e essas metas não estão sendo alcançadas. Eles têm uma idade certa para beijar na boca, para transar, um número certo de parceiras sexuais para serem considerados *alphas*, uma popularidade a ser conquistada e também o dever de serem destemidos - e ser destemido implica em fazer outro alguém temer; do contrário, são eles os subalternos. A percepção de desajuste social leva muitos desses jovens a procurar seus pares na internet, espaços online, anônimos, do qual atualmente eles quase não saem, e onde é possível reunir outros

jovens com as mesmas aflições, mas o que eles encontram é a massificação de uma ideologia de ódio. O'Malley et al (2020) afirmam que essas ansiedades normativas podem ser observadas nos discursos de jovens membros das comunidades *incel*, jovens que ainda estão passando pela fase de transição para a vida adulta. E o que eles recebem nessas comunidades não é apoio ou acolhimento, como Alana e ReformedIncel experienciaram na década de 90, mas uma gama enorme de informações sobre de quem é a responsabilidade por eles se sentirem assim. É realmente um formato de alistamento militar, onde sempre haverá um sargento para humilhar um soldado, que vai se tornar um sargento para humilhar outro soldado.

A insegurança e a frustração são alimentadas para se tornarem ódio, ódio pelo inimigo em comum que são as mulheres, mulheres que controlam o mercado sexual do qual o seu acesso foi retirado. Homem branco, heterossexual, que a mídia e os movimentos sociais insistem em afirmar que está no topo da cadeia alimentar gozando de todos os privilégios. Só que esse homem branco heterossexual que está no topo da cadeia alimentar não faz sexo e, muito antes de encontrar difundido na internet um discurso ultra reflexivo que o faça compreender e questionar a própria maneira como o patriarcado impõe as normas de socialização dos homens, ele vai aceitar a retórica de que a mídia, o Estado, a sociedade, os governos e/ou qualquer outro sistema, na realidade, simplesmente privilegia as mulheres e que nós somos as verdadeiras inimigas.

Foi isso que as comunidades online fizeram com a pílula vermelha das irmãs Wachowski. O despertar das comunidades *incel* é para essa lógica ginocêntrica que eles estrategicamente difundem: de que o mundo é dominado pelas mulheres que precisam ser combatidas violentamente para que os homens possam voltar a praticar suas masculinidades tóxicas sem serem emasculados.

Tomem a pílula vermelha e subvertam centenas de anos de opressão dos homens sobre as mulheres.

### **Modos de subjetivação contemporâneos**

Kimmel (1998) vai argumentar sobre o fato de as masculinidades tóxicas serem imperceptíveis aos homens que gozam de certos privilégios e que essa é uma questão política que serve para perpetuar as relações de poder. O privilégio, para Kimmel, é considerado um luxo quando homens têm a possibilidade de ignorar, por exemplo, as violências de gênero que perpassam todas as camadas da sociedade. Então, se existe uma política que garante privilégios, se a construção social das masculinidades afirma a existência de um sujeito hegemonicamente superior - o homem branco -, é da noção de vulnerabilidade social, presente no pensamento de Judith Butler (2015), em diálogo com Kimmel, que conseguimos capturar a ideia de hierarquização que se desenvolve na constituição do sujeito.

Assim como na construção de uma masculinidade hegemônica, constroem-se masculinidades subalternas, assim como para a construção de nações desenvolvidas é imprescindível que nações subdesenvolvidas surjam ou, para haver metrópoles, periferias tenham de existir...para haver um sujeito inteligível, é necessária a construção social da abjeção.

Para Butler (2015), no processo de tornar-se sujeito é imprescindível que haja um assujeitamento às normas, exatamente para que os indivíduos sejam categorizados como aqueles que podem existir e aqueles que terão sua humanidade negada. As existências são codificadas socialmente e os corpos marcados, classificando aqueles com inteligibilidade e que, dessa maneira, vão gozar de privilégios oriundos das articulações entre gênero, raça, status social, capacidade, à medida que outros corpos serão posicionados como descartáveis, passíveis de morrer e abjetos. Na ideia de abjeção, trabalhada por Butler, a necessidade de se reforçar incessantemente as normatizações caracteriza a fixidez da matriz cultural na qual estão inseridos os sujeitos hegemônicos, e a total ausência de articulação que extrapole essa matriz cria um

engessamento em torno das características que constituem essa inteligibilidade hegemônica.

Quando os códigos de inteligibilidade foram criados e a divisão sexual do trabalho posicionou as mulheres em uma subcategoria, e o sexo passou a ser manejado como política, e as relações não procriativas passaram a ser condenadas, e a escravidão animalizou as existências dos povos originários e negros, todos esses corpos receberam a marca das existências descartáveis. E, como a única possibilidade de existir é construída propositalmente em torno de uma experiência de vida precarizada, essas existências consideradas abjetas são forçadas politicamente a se amontoar nas bordas, nas fronteiras desse corpo social rígido, o que torna a violência uma estratégia para assegurar a perpetuação das regras de normatização e controle social, de modo que a abolição se apresente como única consequência para o sucesso dessa estratégia.

Pela lógica apresentada, podemos concluir que, se para construções hegemônicas erguem-se subalternidades, para haver uma fixidez normativa em torno do homem branco, heterossexual, a abjeção que se constrói concomitantemente, poderá ser representada pela figura da mulher negra lésbica, por exemplo. Assim, os corpos apontados como antagonistas serão os bimodais homem/mulher, branco/preto, hetero/homo, capaz/incapaz e rico/pobre. Essa estratégia de reforçar os antagonismos serve para que os sujeitos das masculinidades subalternas confrontem não os sujeitos das masculinidades hegemônicas, mas os grupos vulnerabilizados socialmente, como forma de se impor socialmente sem relativizar a cristalização das estruturas que dão sentido às relações sociais constituídas através das tecnologias de poder que praticam a regulação das singularidades.

Michael Foucault (2012) aponta esses dispositivos regulatórios como sendo um campo de disputa política, por meio do corpo. Todos os corpos são políticos, seja pelo sistema que conseguem perpetuar, seja pelo antagonismo que lhes é conferido - uma vez que todo o sistema aponta aquela existência como não-existência, ao mesmo tempo que ela, de fato, existe -, porém, é indiscutível que a disputa consiste em reproduzir relações

verticalizadas e manter certos corpos fora do campo da produção de discursos, fora do campo de enunciação.

E é certo que a história conta dos séculos nos quais certos corpos não eram autorizados a serem agentes de enunciação, ou seja, de criar discursos que estivessem conectados a uma série de signos que lhes conferisse existência porque, como afirma Foucault (2008), a materialidade atribuída ao enunciado permite que ele seja reproduzido. Assim, um enunciado não carrega verdades ou mentiras, isso é irrelevante para o autor; o que o enunciado carrega, entre outras coisas, é a relação com objeto, com o sujeito, com outros enunciados e, por fim, com a possibilidade de ser reproduzido.

A Resistência (assim em letra maiúscula, como referência àquela Resistência que assistimos no filme *Matrix*) são os movimentos sociais, que criam coletivos de resistência a essas investidas de retorno ao código social primário, e que batalham pela emancipação dos corpos considerados abjetos para que essas vivências sejam incluídas nas disputas políticas, para que haja a garantia da construção de políticas públicas, sejam elas sociais, reparativas, inclusivas. O que esses movimentos fazem é se articular em torno de pautas específicas na luta por direitos equânimes, ou seja, que permitam que todos os seres humanos tenham o mesmo tratamento perante a lei e em todas as outras esferas sociais. Os movimentos feministas, o movimento LGBTI+ (e cada um dos movimentos dentro da legenda), o movimento das pessoas com deficiência (pela adoção do modelo social da deficiência e contra o capacitismo), o movimento negro, o movimento das pessoas sem-terra, das pessoas sem-teto, enfim, todas as organizações sociais de grupos marginalizados se articulam para criar enunciados que possam ser reproduzidos - e façam frente aos discursos de ódio - ao ponto de estabelecer uma disputa de narrativas políticas que garanta a possibilidade de existir e produzir multiplicidades. E, como afirma Butler (2015, p. 180), sem “um conjunto de premissas culturais que promovem a exclusão e abjeção dessa(s) diferença(s)”.

Mas em um sistema que não tolera qualquer produção de diferença, quais podem ser os efeitos de não corresponder a uma categoria hegemônica mesmo quando os marcadores sociais mostram o contrário?

### **Discursos de ódio de gênero e articulações fascistas na era digital**

Debbie Ging (2017) aponta para a cultura da autodepreciação fortemente presente nas comunidades *incel* e como essa premissa força um posicionamento vitimista, ao mesmo tempo que ratifica um sistema de padronização e corponormatividade. Ao passo que os *incels* odeiam sua aparência, sua falta de habilidade social e declaram seus anseios por reconhecer uma sociedade que valorize padrões específicos de corpo e performance, eles enfatizam a existência de uma masculinidade hegemônica (alpha) - da qual eles sabem estar distantes - porém, atribuem às mulheres a responsabilidade por controlar o mercado sexual.

A teoria é de que as mulheres sempre vão escolher os parceiros que mais estiverem próximos desses padrões corponormativos e sociais e, por isso, 80% das mulheres só se relacionam com 20% dos homens (em que eles não se encaixam). Como é possível observar em uma troca de mensagens no fórum do Búfalo<sup>3</sup> (reduto online masculinista, brasileiro, onde diversas teorias sobre direitos dos homens circulam, juntamente com discursos de ódio contra as mulheres):

1) Confrades queria entender uma questão que o Silvio<sup>4</sup> falava: Que 20% dos homens comem 80% das mulheres, eu nunca compreendi muito bem esta teoria até que hoje no Mr levantou-se esta questão e eu entendo assim: Esta questão de que 20% dos homens comem 80% das mulheres é questionável, e vou explicar o porque, eu entendo o seguinte que 20% dos homens tem a sua disposição 80% das mulheres em suma eles tem chances de comer 80% não que ele vá comer é mais ou menos o que me parece, estes 20% são os alfas,

---

<sup>3</sup> Link para conferência: <http://forum.bufalo.info/showthread.php?tid=1982>

<sup>4</sup> Silvio Koerich, um pseudônimo do maior blog masculinista brasileiro, Silvio Koerich o perdedor mais foda do mundo, que durou de 2009 até 2011. É possível encontrar uma compilação do blog com mais de 500 páginas disponível para download.

um beta por sua vez não tem 80% de mulheres possíveis que vão para a cama com ele, mas uma porcentagem reduzida tipo 30% eu acho que é isto que o Silvio queria dizer.

2) Desculpem mas não tem cabimento 20% dos homens literalmente comerem 80% das mulheres. Quer uma prova você que esta na faculdade 20% dos alfas da faculdade comeram 80% das mulheres de lá? caralho se isto aconteceu os caras são fodas demais! é o que penso o que os senhores podem me dizer sobre isto? *[sic]*

3) Não é literal, significa que os Alfas (20%) comem as que quiserem (80%), e os Betas (80%) tem que se contentar com o que aparecer (20%). Silvio repetiu isso diversas vezes enquanto postava em seu blog.

‘A mulher é má. Cada vez que se lhe apresenta a ocasião, toda mulher pecará.’ Buda *[sic]*

4) Mas é claro que tua conta não fecha. Você desconsidera o aspecto temporal da coisa. Esses números (80%-20%) só são palpáveis quando se leva em conta o decorrer do tempo. É impossível que 100% das pessoas numa faculdade por exemplo, estejam solteiras e que 80% das mulheres de lá vai dar pros 20% de alfas do mesmo recinto. Um cafinha da faculdade pode ter pego algumas poucas durante o curso, mas pegar geral na vila onde ele mora ou em baladas por aí. Eu tenho uns colegas de trabalho alfas, cada mês eles conseguem esquema com uma vadia diferente, em diferentes lugares, isso não quer dizer que eles passam o rodo geral no trabalho ou em algum lugar específico. Os caras simplesmente vão vivendo e as oportunidades vão surgindo. *[sic]*

5) Cada coisa que o cara lê por aqui, qualquer um que já andou ou já conheceu um alfa sabe que a conta é até otimista...mas analisando pelas porcentagens, 80% quer o cara alfa e as outras 20% se contentam com o restante porque não consegue pegar o alfa ou quer alguém para assumir as despesas enquanto tá traindo ou querendo traír com um alfa...*[sic]*

Esse controle do mercado sexual que os *incels* alegam estar nas mãos das mulheres, na teoria desse grupo, advém do feminismo...das femoids (como eles chamam mulheres burras), das feminazis (uma junção entre as palavras feminista e nazista). Acontece que as mulheres não controlam o mercado sexual, nem existe qualquer lógica que dê suporte à teoria dos 80/20, menos ainda a de que homens brancos heterossexuais são vítimas de uma sociedade que privilegia as mulheres - as estatísticas sobre violência contra as mulheres, no mundo, são suficientemente factuais para desabonar qualquer teoria de privilégio feminino -, porém, as conquistas dos

movimentos feministas foram responsáveis pela garantia de direitos sociais (em especial às mulheres ocidentais). Ainda que existam muitas mulheres vivendo em condições desumanas, simplesmente por serem mulheres - como é o caso das mulheres afegãs na recente retomada do regime talibã (STROCHLIC, 2021) -, a resistência provocada pelos discursos dos movimentos feministas de gerações e gerações existe.

É dessa perda de direitos que esses homens falam. De terem, de maneira geral (mas não generalizada), perdido o direito constitucional sobre o corpo e a vida das mulheres. Não à toa estão sempre recorrendo a um código social primário, lá do início do capitalismo em aliança com a instituição Igreja, e desejando retroceder a uma era onde a biologia dos corpos, pura e simplista, condicionava à inferioridade e subalternização. Nesse comentário, feito anonimamente em 03 de dezembro de 2011 no blog *Escreva Lola Escreva*, é possível mensurar a violência presente no discurso desses homens:

Nós somos uma legião de Koerichs. Nós não perdoamos os manginas<sup>5</sup>. Nós não esquecemos das feminazis. Essa mania que as feministas criaram de enfiar consolo nos homens vai acabar na bala, vamos matar todas essas mulheres que usam cinta-pica. Nunca mais serei penetrado por uma feminazi porque eu sai da Matrix. *[sic]*

Em seu livro *Angry white men: american masculinity at the end of an era*, Kimmel (2013/2017) vai destrinchar sobre as ações violentas de homens brancos que vitimizam mulheres pelo simples fato de não terem acesso irrestrito a seus corpos. A violência, de acordo com o autor, é validada por esses homens como resposta a uma desonra causada por aquela mulher que rejeitou uma relação sexual. O ato violento não é descontrole, é uma expressão de poder que objetiva reorganizar aquela relação, reposicionando as mulheres na condição de subalternas. Na obra *We real cool: black men and masculinity*, bell hooks (2004) vai apontar para a marginalização/subalternização da masculinidade dos homens negros, movimento

---

<sup>5</sup> Junção das palavras man e vagina. Homens que se relacionam de alguma forma com mulheres (ou que não as odeiam por serem mulheres). Outro termo utilizado pela extrema-direita estadunidense e importado para o Brasil é cuck ou cuckold (utilizado para chamar um homem de submisso às mulheres).

estrutural provocado pela cultura branca imperialista. A ideia de que a cultura da gangue é a essência da masculinidade patriarcal, em um sistema que privilegia homens brancos em detrimento de homens negros, empurra os últimos para as fronteiras sociais do desemprego, da marginalidade, do encarceramento e da violência, em um movimento cíclico de busca da performance da masculinidade hegemônica pelos sujeitos constituídos em uma masculinidade subalterna. Nesse processo de reprodução de um ideal de masculinidade branca, as mulheres negras são duplamente vitimizadas.

Dessa disputa entre homens, alphas e betas, negros e brancos, são as mulheres que morrem e são as mulheres as culpadas pela frustração dos homens que as matam, justamente porque no ‘império sexual’, o sexo (práticas sexuais, os códigos de masculinidade e feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) apresenta-se análogo ao capitalismo, sendo utilizado como uma das principais formas de política da governamentalidade da vida, para assegurar o lugar estrutural do homem heterossexual como agente que dita as regras da vida (PRECIADO, 2011).

Então, o que pode restar de um homem que não desempenha o principal papel que a masculinidade impõe como primordial para a construção de hierarquias sociais, que é fazer sexo? E o que podem esperar as mulheres, de homens que foram desabonados de seus lugares estratégicos de dominação para manutenção das estruturas de poder?

Paul Gilroy (2018) argumenta sobre a estratégia de reestruturação do fascismo por meio das tecnologias digitais, que endossam o anonimato como potencializador de engajamento. As retóricas de ódio são, propositalmente, suavizadas para ganharem notas de respeitabilidade e cientificidade, e costumam associar a vitimização sofrida pelo homem branco à desordem, à insegurança, à destruição da família, à perversão, ao Estado, aos movimentos feministas (e movimentos sociais de maneira geral), guardando tom revolucionário no qual a ordem que prevalece é a do combate. O autor aponta que essa identificação com os discursos de ódio advém da “miséria econômica e desesperança que a acompanha” (GILROY 2018, p. 22), inflamando os sujeitos ao

ponto de esgarçar a ideia de liberdade de expressão, como justificativa para serem ofensivos, preconceituosos e violentos.

Esses homens são instruídos, tanto pelas estruturas de opressão que já compõem a sociedade, quanto pelos administradores das páginas de ódios (homens em posições hierárquicas superiores aos demais), de modo que seus afetos sejam modulados e suas frustrações potencializadas em ódio direcionado a um denominador comum, no caso dos *incels*, as mulheres. Um sistema de governamentalidade do pensamento que age sobre os afetos e não trabalha com nenhum pressuposto ideológico - tal qual o fascismo clássico que objetiva apenas a abolição -, porém, agora, em meio às tecnologias digitais, com potencial para alcançar milhões de pessoas ao mesmo tempo, sem nenhuma barreira de linguagem, de tempo, geográfica ou ética. Exércitos de homens se articulando online, on time e full time, em espaços muito pouco (ou nada) estatizados, agindo livremente enquanto denunciam e antagonizam grupos sociais específicos, como forma de fortalecer sobre eles uma abjeção tal, a ponto de torná-los facilmente extermináveis, pela repulsa que passam a causar.

Nos anos expostas às diversas vertentes do masculinismo, seja como alvo direto de personagens do masculinismo brasileiro há mais de uma década, ou trabalhando com pesquisa sobre essas organizações, ficou bastante óbvio que a manosphere brasileira é uma cópia, uma livre tradução das páginas estrangeiras. É possível encontrar os mesmos textos, em inglês, retirados das páginas masculinistas estadunidenses, sendo replicados em português em diferentes espaços de domínio nacional. Por exemplo, o site *a voice for men* do masculinista Paul Elam, criada em 2009, ganhou sua versão brasileira organizada por Aldir Gracindo (2020) que foi encerrada no ano de 2020. Gracindo gravou um vídeo para a plataforma Youtube, em março desse mesmo ano, anunciando os motivos da página ter saído do ar (financeiros), porém aproveitou o espaço para explicar como seria importante, finalmente, o público brasileiro caminhar com suas próprias pernas, ao invés de só reproduzir traduções de conteúdo gringo. Aproveitou também para divulgar a nova página movimento dos direitos dos homens - que abriga

material desde o ano de 2013 -, e conta com parceria com empresa e equipe de trabalho. No site, que está ativo, é possível adquirir produtos e fazer doações em dinheiro.

### **De Matrix a Suzano**

A primeira comunidade de ódio de gênero a ser notada publicamente foi a página ELOÁ VIROU PRESUNTO - FOI TARD3 [*sic*], criada na extinta plataforma orkut, em 2008, como homenagem ao assassino da adolescente Eloá Cristina, de 15 anos. Lindemberg Alves Fernandes, de 22 anos, manteve Eloá e a amiga Nayara como reféns por não aceitar o fim do relacionamento com a adolescente. Depois de mais de 100 horas de ações irresponsáveis e desastrosas da polícia de São Paulo e do sensacionalismo sexista da mídia brasileira, Eloá foi morta com dois tiros (PEREZ, 2015). Na página, a morte da adolescente foi comemorada, uma vez que, para os integrantes da comunidade, a vítima merecia morrer pois era uma vagabunda infiel, enquanto Lindemberg é, até hoje, reverenciado como herói.

Da reverberação que essa comunidade teve, muitas outras páginas e comunidades dedicadas a disseminar ódio de gênero foram criadas dentro e fora da plataforma orkut, como exemplo, as páginas guerreiros da real (real, em referência à realidade da *Matrix*), homens de bem, homens sanctos, fórum do búfalo e dogolachan. É importante ressaltar que a influência dos sites masculinistas estrangeiros, em primeiro momento, fomentou o ódio de maneira dispersa e, somente com o passar dos anos, com o consumo regular dessa subcultura, é que os grupos foram se subdividindo mais marcadamente em relação a reivindicações específicas, como no caso dos *incels*. A página inicial do site homens sanctos, por exemplo, apresenta uma lista de assassinos e genocidas com os quais aquela comunidade se identifica, que geralmente passa por uma atualização e com o passar dos anos inclui outros criminosos, ou que se declararam seguidores da mesma ideologia *incel* - como Elliot Rodger -, ou aqueles que os integrantes da comunidade gostariam de acreditar que se identificariam - como Hitler.

Elliot Rodger, um homem branco de classe alta, 22 anos, é provavelmente o *incel* mais conhecido dessa subcultura. Após publicar um vídeo na plataforma Youtube, intitulado Retribuição, em que prometia se vingar de todas as mulheres, Rodger assassinou 6 pessoas e deixou outras 13 feridas, em Isla Vista, na Califórnia, no ano de 2014. Além desse material (e vários outros vídeos carregados de misoginia), o assassino produziu um manifesto de 137 páginas, na qual é possível captar a revolta e o ódio que ele sentia por ser homem e rico, porém virgem (POSTON, 2018).

Em 2018, quatro anos após o massacre de Isla Vista, Alek Minassian alugou uma van e atropelou dezenas de pessoas, deixando 10 mortas, em Toronto, Canadá. Antes do atentado, Minassian postou no facebook: A rebelião incel já começou! Vamos derrubar todos os Chads e Stacys<sup>6</sup>! Todos saúdam o supremo cavalheiro Elliot Rodger! Durante interrogatório policial, o assassino expressou seu ódio pelas mulheres e confirmou ser esse o motivo do ataque. Já durante o julgamento, avisou que mataria novamente se fosse solto, para “melhorar sua contagem de assassinatos” (ISTOÉ, 2021).

No ano seguinte, aqui no Brasil, Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, conseguiram acesso à (sua antiga) escola estadual Raul Brasil, em Suzano, município de São Paulo. Armados com revólver, machadinha, besta com dardos, coquetéis molotov e bombas falsas, os homens alvejaram 19 pessoas e 8 delas não resistiram. Com a chegada da polícia, Tauci matou Castro e em seguida se suicidou. Os assassinos faziam parte de um fórum online, mais conhecido por alimentar o ódio de homens contra mulheres (e também contra pessoas LGBTI+, negras, com deficiência, judeus, imigrantes etc), o dogolachan, criado em 2013 por Marcelo Valle Silveira Mello (atualmente, cumprindo pena por divulgação de pornografia infantil, apologia ao crime, associação criminosa e racismo)<sup>7</sup> (VARGAS, 2020). Durante as investigações, a polícia civil constatou que parte da ação foi articulada pelo fórum - que

---

<sup>6</sup> Incels estadunidenses chamam de Chads e Stacys os homens considerados macho alphas e as mulheres que só se relacionam com esses perfis hegemônicos.

<sup>7</sup> Marcelo também foi condenado por terrorismo, porém em 2020 seus advogados conseguiram derrubar essa condenação, o que fez sua pena ser reduzida de 41 para 11 anos.

havia migrado para a deep web<sup>8</sup> em outubro de 2018 - e encontrou mensagens dos assassinos em agradecimento ao moderador conhecido apenas como DPR: Muito obrigado pelos conselhos e orientações, DPR. Esperamos do fundo dos nossos corações não cometer esse ato em vão. (...) Nascemos falhos, mas partiremos como heróis. (...) Ficamos espantados com a qualidade, digna de filmes de Hollywood (ALVES, 2019). Contudo, mesmo com essa e outras evidências de que o crime havia sido orquestrado com orientações de usuários do fórum dogolachan, elas não foram incluídas no inquérito, sendo assim, não se desdobraram em investigações.

Apontado pela polícia como terceiro envolvido no planejamento do massacre, um menor de idade - cuja identidade é mantida em sigilo, assim como o processo - foi preso e enviado a uma instituição para menores infratores, de onde deve sair ao completar 21 anos. Durante as investigações, foram descobertas diversas trocas de mensagens utilizadas pela acusação e, em uma delas, de outubro de 2018, os envolvidos planejam, dentre outras ações, “deixar as garotas nuas e executar algumas no meio do pátio e deixar o corpo de uma forma humilhante” (VARGAS, 2020).

No dogolachan, o massacre foi comemorado e os assassinos tratados como heróis, como é possível observar na mensagem (Coelho; Cruz, 2019) fixada pelo administrador do fórum masculinista, que dizia:

O dogolachan irá perpetuar por anos a fio, se não pelas minhas mãos, por outras. Esperamos, almejamos e desejamos que existam outros Luizes, Guilhermes, Damiões Andres, Eulers, Wellingtons, Sidneys, dentro outros. Somente através do derramamento de sangue e grandes tragédias que a sociedade desperta do seu estado “zumbificado” e começa a notar a real existência de problemas enraizados culturalmente e quem sabe, promover soluções realmente eficientes. *[sic]*

Três anos após o massacre de Suzano, o nome de Taucci ainda circula nas páginas de ódio sendo idolatrado (Lemos, 2021), assim como seu túmulo, frequentemente visitado por admiradores (VARGAS, 2020).

---

<sup>8</sup> Parte não indexada da internet, portanto inacessível por meio de buscas padrão.

É importante esclarecer que o discurso apoiado pelos *incels* já permeia várias camadas da sociedade, de diversas maneiras diferentes. A misoginia e o sexismo, presentes e tão profundamente enraizados na sociedade brasileira, aparecem refletidos nos números sobre assassinatos. Para termos uma ideia do panorama dos últimos anos, apresentamos os números levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública: no ano de 2020, em meio à pandemia de coronavírus e das regras de isolamento social adotadas no Brasil, uma mulher foi morta a cada seis horas, totalizando 1.350 casos de feminicídio (homicídios motivados por questões de gênero), com crescimento observado em 14 das 27 unidades federativas do país (BUENO e LIMA, 2021). No ano seguinte, 2021, houve uma queda de 1% dos casos registrados, totalizando 1.319 assassinatos de mulheres (BUENO e LIMA, 2022). Já em 2022, foram 1.853 casos de feminicídio (BUENO e LIMA, 2022). De acordo com Isabel Sobral (2023), supervisora do Núcleo de Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, uma pesquisa sobre a violência contra as mulheres nos primeiros seis meses de 2023, apontou um aumento de 2,6% em relação ao ano de 2022, fechando o semestre com 1.902 mulheres vitimadas.

Corroborando a afirmativa sobre a misoginia e o sexismo serem estruturais, no Brasil, o 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontou que 15% dos homicídios que vitimaram mulheres em 2020 não foram registrados como feminicídios pelos órgãos de segurança (ACAYABA e REIS, 2021). Samira Bueno, diretora executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, aponta dois motivos para os registros serem feitos de forma incorreta: falta de treinamento adequado e preconceito. Os agentes de segurança e do sistema de justiça não têm a competência necessária e são preconceituosos ao ponto de registrar como homicídio doloso o assassinato de uma mulher pelo companheiro ou ex-companheiro, se ele tiver envolvimento com o tráfico. Essas mulheres, nessa situação, serão diretamente vinculadas ao tráfico em si, o que, para os agentes públicos, explica satisfatoriamente suas mortes (ANTUNES, 2021).

Não existe mais espaço para comunidades *incel* - e masculinistas de modo geral - serem consideradas qualquer coisa que não organizações terroristas. No dia-a-dia da

vida das mulheres, a violência já é latente e o medo, uma realidade constante. É inadmissível que existam organizações com o propósito de estimular o ódio, a violência contra mulheres e articular atentados, e isso não esteja sendo monitorado, investigado, coibido e punido severamente pelos órgãos competentes. Se a violência de gênero, no Brasil, é endêmica a ponto de colocar o país figurando como o 5º no mundo que mais mata mulheres - como aponta a promotora de Justiça e Enfrentamento à Violência Doméstica, Fabiana Dal'Mas (MIOR, 2021) - é urgente classificar esses grupos como organizações criminosas com fins de extermínio.

Finalizamos com o diálogo abaixo, transcrito de um fórum anônimo. A captura da imagem pode ser encontrada no blog Escreva Lola Escreva, na publicação do dia 04 de maio de 2021.

- *Olá, alguém poderia me dar dicas de como atacar minha escola? quero matar a todos que estiver la dentro [sic].*
- *Mate as mulheres em massa. São elas que reproduziriam em maior quantidade no futuro. Retire o futuro de seus inimigos por meio da matança de mulheres. Tente envenenar o reservatório de água da escola. Arsênico, dióxidos, veneno de rato. Vale tudo.*
- *Sabe algum lugar onde posso conseguir armas para ajudar no ataque?*
- *Dark net.*
- *Quais materiais eu preciso para fazer bombas caseiras?*
- *Mate o maior número de mulheres, gays e negros.*

### **Considerações Finais**

Independentemente da nomenclatura escolhida para definir a organização, seja *incels*, *mgtows*, pais por justiça, dogoleiros, homens sanctos, homens de bem, movimento pelos direitos dos homens, preferimos adotar sempre a alcunha

*masculinistas* para nos referirmos a quaisquer organizações de homens que têm como foco principal disseminar discurso de ódio contra as mulheres e difundir práticas de violência de gênero.

Essa discussão extrapola, em muito, os limites de um único artigo, e ressaltamos que a quantidade de desdobramentos possíveis de serem levantados sobre esse tema é de fundamental importância para lutarmos por políticas públicas eficazes no combate às violências de gênero praticadas em qualquer ambiente.

É preciso um esforço coletivo para que um assunto tão caro à sociedade não permaneça apenas dentro dos muros da academia. E isso é uma coisa. Outro enorme esforço coletivo constatado é o muro que se constrói e cria barreiras para o debate sobre a criminalização do discurso de ódio, sempre apoiado em um raso conceito de liberdade de expressão. Aqui, porém, a suposta liberdade de se expressar está batendo de frente com a possibilidade de permanecermos vivas e até essa tentativa de minimizar o ódio que mata diz muito sobre que lugares sociais ocupam as pessoas que estão morrendo.

Seria muito difícil provar que as mídias sociais, que fazem mais e mais dinheiro à medida que conseguem prender a atenção das pessoas, vão valorizar sempre discursos de ódio que foram renomeados como ‘polêmicos’? Ou nós ainda estamos em uma onda de acreditar que são poucas as pessoas que clicam, visualizam, comentam, repostam, encaminham esse tipo de conteúdo? Não saberíamos dizer, mas perguntar é um excelente caminho... talvez o melhor caminho.

E se perguntas são caminhos, então, nós temos muitas.

A quem interessa que discursos de ódio permaneçam sendo defendidos como liberdade de expressão? Quais são as vantagens de ganhar dinheiro em cima de retóricas que enfraquecem o estado democrático de direito? E quem lucra com isso?

Se é certo que estamos na era em que a commodity mais valiosa do mundo não é mais o petróleo, mas os dados pessoais (Economist, 2017), nós ainda somos tratadas como população ou estamos sendo manejadas como público?

Em um futuro nada distante, será que a ideia de trabalharmos educação midiática nas escolas, juntamente com a comunidade, vai ser a nova ideia de *ideologia de gênero* a ser combatida? Será que propostas de um sistema de educação que alerte jovens e responsáveis para os perigos dos discursos de ódio e de extremismos encontrados em espaços online e anônimos vão se transformar em uma ameaça tal qual o projeto *escola sem partido* promete combater?

Se alguém levantar um debate sobre a necessidade de vigiar a sexualidade dos jovens ser menos importante do que cuidar para que seu filho adolescente não entre em um sofrimento psíquico tamanho (a ponto de se tornar uma presa fácil para agitadores políticos os manipularem até eles cometerem um assassinato e, posteriormente, um suicídio)...essa pessoa não será acusada de promover o *kit gay* ou o *marxismo cultural*?

As perguntas são muitas, por isso reforçamos a necessidade de mais pesquisas sobre o tema, especialmente que discutam os cenários que propiciam a proliferação de organizações masculinistas em território brasileiro.

### Referências

ACAYABA, Cíntia; REIS, Thiago. **15% dos homicídios de mulheres cometidos por companheiros ou ex não foram classificados como feminicídio em 2020, diz Anuário**. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/15/15percent-dos-homicidios-de-mulheres-cometidos-por-companheiros-ou-ex-nao-foram-classificados-como-feminicidio-em-2020-diz-anuario.ghtml>. Acesso em: 27 de março de 2024.

ALVES, Renato. **Site de extremista brasileiro deu dicas a autores de massacre em Suzano**. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/14/interna-brasil,742884/site-de-extremista-brasiliense-deu-dicas-a-autores-de-massacre-suzano.shtml>. Acesso em: 27 de março de 2024.

ANTUNES, Leda. **Brasil registrou uma denúncia de violência doméstica por minuto em 2020**. O Globo, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/brasil-registrou-uma-denuncia-de-violencia-domestica-por-minuto-em-2020-25109553>. Acesso em: 27 de março de 2024.

BAX, Ernest Belford. **The Legal Subjection of Men**. Forgotten Books, 2018..

BEAUCHAMP, Zack. **Our incel problem**. Vox, 2019. Disponível em: <https://www.vox.com/the-highlight/2019/4/16/18287446/incel-definition-reddit>. Acesso em: 27 de março de 2024.

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>. 27 de março de 2024.

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 27 de março de 2024.

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. 27 de março de 2024.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COELHO, Leonardo; CRUZ, Maria Teresa. **Ataque a tiros em Suzano (SP) é comemorado** em fórum racista e misógino na internet. Ponte, 2019. Disponível em: <https://ponte.org/ataque-a-tiros-em-suzano-sp-e-comemorado-em-forum-racista-e-misogino-na-internet/>. Acesso em: 27 de março de 2024.

CORAL, Guilherme. **Grande segredo de Matrix, com Keanu Reeves, é revelado**. UOL, 2020. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2020/08/grande-segredo-de-matrix-com-keanu-reeves-e-revelado>. Acesso em: 27 de março de 2024.

**Diretora de 'Matrix' diz que longa é metáfora sobre aceitação e transição de gênero**. Folha de São Paulo, 020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2020/08/diretora-de-matrix-diz-que-longa-e-metafora-sobre-aceitacao-e-transicao-de-genero.shtml>. Acesso em: 27 de março de 2024.

FARRELL, Warren. **The myth of male power**. New York: Berkeley Books, 1993.

FARRELL, Warren. **Does Feminism Discriminate Against Men?: A Debate**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GARDNER, Richard Alan. *True and False Accusations of Child Sex Abuse*. New Jersey: Creative Therapeutics Inc, 1992.

GARDNER, Richard Alan. *The Parental Alienation Syndrome: a guide for mental health and legal professionals*. New Jersey: Creative Therapeutics Inc, 1998.

GILROY, Paul. Civilizacionismo, a “alt-right” e o futuro da política antirracista: um informe da Grã-Bretanha. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 17-34, 2018. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/22525/12625](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/22525/12625). Acesso em: 27 de março de 2024.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. *Men and Masculinities*, New York, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2017.

GRACINDO, Aldir. *O que aconteceu com o A Voice for Men em Português*. [Brasil], 2020. 1 vídeo (5 min e 46 seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ICVZhvyuoOc&ab\\_channel=AldirGracindo](https://www.youtube.com/watch?v=ICVZhvyuoOc&ab_channel=AldirGracindo). Acesso em: 23 jun. 2023.

GROTH, Miles. Meeting Men: male intimacy and college men centers. *New male studies: an international journal*, Austrália, v. 1, n. 1, p. 83-93, 2012.

hooks, bell. *We real cool: black men and masculinity*. New York: Routledge, 2004.

KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 107-117, 1998.

KIMMEL, Michael Scott. *Angry White Men: american masculinity at the end of an era*. Manhattan: Bold Type Books, 2017.

LEMOS, Vinícius. *‘Um ídolo para eles’: investigação sobre neonazistas*

**revela admiração a autor de massacre em Suzano.** BBC News, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59733205>. Acesso em: 27 de março de 2024.

MARWICK, Alice; CAPLAN, Robyn. Drinking male tears: language, the manosphere, and networked harassment. **Feminist Media Studies**, v. 18, n. 2, p. 1-17, 2018.

**Motorista de van no Canadá é condenado por matar 10 pessoas.** IstoÉ, 2021. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/motorista-de-van-no-canada-e-condenado-por-matar-10-pessoas/>. Acesso em: 27 de março de 2024.

MIOR, Yasmin. **Após 15 anos da Lei Maria da Penha, Brasil é o 5º país que mais mata mulheres.** NDmais, 2021. Disponível em: <https://ndmais.com.br/direitos/apos-15-anos-da-lei-maria-da-penha-brasil-e-o-5-pais-que-e-mais-mata-mulheres/>. Acesso em: 27 de março de 2024.

O'MALLEY, Roberta Liggett; HOLT, Karen; HOLT, Thomas J. An Exploration of the Involuntary Celibate (Incel) Subculture Online. **Journal of Interpersonal Violence**, New York, v. 37, n. 7-8, 2020.

PEREZ, Livia. **Quem matou Eloá?** [São Paulo]: Doctela, 2015. 1 vídeo (24 min e 22 seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4Iq\\_IaDR\\_Q&t=541s&ab\\_channel=doctelamidiacom](https://www.youtube.com/watch?v=4Iq_IaDR_Q&t=541s&ab_channel=doctelamidiacom). Acesso em: 23 jun. 2023.

POSTON, Ben. **Killer who committed massacre in Isla Vista was part of alt-right, new research shows.** Los Angeles Times, 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/RccOIsK>. Acesso em: 27 de março de 2024.

PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.

SOBRAL, Isabel. **Crescimento de feminicídios e estupros em 2023 reflete queda de investimentos em governos anteriores.** Brasil de Fato, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/14/crescimento-de-femicidios-e-estupros-em-2023-reflete-queda-de-investimentos-em-governos-anteriores-diz-pesquisadora>. Acesso em: 27 de março de 2024.

STROCHLIC, Nina. **Elas conseguiram fugir do Afeganistão. Mas e as mulheres que ficaram no país?** National Geographic, 2021. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2021/09/elas-conseguiram-fugir-do-afeganistao-mas-e-as-mulheres-que-ficaram-no-pais>. Acesso em: 27 de março de 2024.

**Suspeito divulgou 'mensagem cifrada' antes de ataque com van em Toronto.** Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/04/suspeito-de-ataque-com-van-em-toronto-e-indiciado-por-dez-homicidios.shtml>. Acesso em: 27 de março de 2024.

**The world's most valuable resource is no longer oil, but data.** The Economist, 2017. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2017/05/06/the-worlds-most-valuable-resource-is-no-longer-oil-but-data>. Acesso em: 27 de março de 2024.

**VARGAS, André. Um ano após ataque em escola em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores.** BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51880555>. Acesso em: 27 de março de 2024.

From Matrix to Suzano: manosphere, red pill theory and  
the Raul Brasil school massacre

**Abstract:** In this article, the objective is to outline and articulate some constitutive elements of the so-called masculinist movements - more specifically the involuntary celibate groups (incels) -, in order to contextualize their development and effects in Brazil. This organization has as its central premise the hatred of women, which also extends to other vulnerable social minorities, constituting itself as fertile ground for the dissemination of hate speech, gender violence and the promotion of extreme right-wing ideologies. This article seeks to demonstrate how, despite being articulated movements in what will be presented as the (online) manosphere, their discourses engender contemporary modes of subjectification and incite practices of violence, whose capillarity goes beyond the premises of freedom of expression, physical and psychological integrity and of democracy.

**Keywords:** Incel. Masculinism. Hate Speech. Gender Violence. Subjectification.

**Recebido: 23/06/2023**

**Aceito: 28/03/2024**